



A comunidade em números – 31/07/2009

- Desde seu lançamento oficial em 25/08/2004 até a presente data, 7.113 investidores individuais já se associaram ao INI, 42.434 é o número total de membros da comunidade INI (cadastrados + associados), 62 membros orientadores dão suporte regional ao Instituto. São 23 as empresas fundadoras do INI e 5 as empresas associadas.

Agenda INI, Parceiros, Fundadores e Associados

Cursos e Palestras

- RJ - 17/08 – Curso Método INI de investimento em ações – Rio de Janeiro
- SP - 22/08 – Opções – Estratégia de Investimento e Proteção – São Paulo
- SC - 22/08 – Curso Método INI de investimento em ações – Florianópolis
- SP - 22/08 – Curso Método INI de investimento em ações – São Paulo
- PR - 29/08 – Curso Método INI de investimento em ações – Curitiba
- SC - 02/09 – Curso Método INI de investimento em ações – Joinville

Eventos Diversos

- [Expo Money Brasília – Participação do INI com estande e palestra](#)

Reuniões e eventos de Associados e Fundadores

- BRA – 04/08 – VideoChat com o Bradesco – Associado Fundador – Brasil
- BRA – 12/08 – Chat com o Itaú Unibanco Holding S/A – Associado Fundador – Brasil
- SP – 18/08 – Encontro com o Investidor – Natura e Cia Providência – São Paulo
- BA – 31/08 – Itaú Unibanco Holding S/A – Ciclo APIMEC/INI – Salvador
- PE – 01/09 – Itaú Unibanco Holding S/A – Ciclo APIMEC/INI – Recife
- PA – 02/09 – Itaú Unibanco Holding S/A – Ciclo APIMEC/INI – Belém
- AM – 03/09 – Itaú Unibanco Holding S/A – Ciclo APIMEC/INI – Manaus
- PR – 08/09 – Itaú Unibanco Holding S/A – Ciclo APIMEC/INI – Curitiba
- SP – 09/09 – Itaú Unibanco Holding S/A – Ciclo APIMEC/INI – Ribeirão Preto
- ES – 10/09 – Itaú Unibanco Holding S/A – Ciclo APIMEC/INI – Vitória
- GO – 14/09 – Itaú Unibanco Holding S/A – Ciclo APIMEC/INI – Goiânia
- MT – 17/09 – Itaú Unibanco Holding S/A – Ciclo APIMEC/INI – Cuiabá
- MS – 21/09 – Itaú Unibanco Holding S/A – Ciclo APIMEC/INI – Campo Grande
- RS – 24/09 – Itaú Unibanco Holding S/A – Ciclo APIMEC/INI – Caxias do Sul
- MG – 30/09 – Itaú Unibanco Holding S/A – Ciclo APIMEC/INI – Uberlândia

Aconteceu no INI

- Em junho de 2009 o INI, através de seus membros orientadores ministrou 3 cursos e palestras em: São Paulo (1), Porto Alegre (1) e Rio de Janeiro (1). Foram 53 presentes com 25 novos associados.
- Foi lançado em São Paulo, na Livraria Cultura, o livro “O Mercado de Ações em 25 episódios” com a presença de orientadores, associados e parceiros.
- O livro “O Mercado de Ações em 25 Episódios” foi inserido na biblioteca do jornal Valor econômico, na semana de 07/07 a 14/07.
- No início do mês de agosto o livro “O Mercado de Ações em 25 Episódios” foi para sua primeira reimpressão, dando uma demonstração da força da comunidade INI.

Entendendo o Mercado de Ações



TEMA DESTA EDIÇÃO: BÔNUS DE SUBSCRIÇÃO. VEJA COMO ENTENDER E AVALIAR UM CASO REAL – BBAS13.

Recentemente alguns fundos e relatórios de análise começaram a aparecer com um código diferente em suas carteiras recomendadas, **BBAS13**. Esse código refere-se ao Bônus de Subscrição do Banco do Brasil série “C”, lançado em 1996 e com vencimento no segundo trimestre de 2011.

Apesar de pipocarem aqui e ali indicações para compra desses bônus, o investidor pode se mostrar receoso, pois desconhece, ou conhece pouco, as ferramentas para avaliar a conveniência de se investir em um bônus, em vez de comprar ações diretamente.

Não é algo trivial, ainda mais em um bônus corrigido pelo IGP-DI com mais de 12 anos de vida, porém é algo que vale ser debatido. Esses bônus podem representar uma opção interessante ao investimento direto nas ações do BB, desde que se consiga calcular os riscos envolvidos. A seguir, algumas ferramentas simples para que o investidor consiga tirar suas próprias conclusões.

A história dos Bônus de Subscrição do BB, séries A, B e C.

Poucos lembram, mas o Banco do Brasil precisou de uma forte capitalização adicional em 1996, sob a proposta de fazer um ajuste no balanço, o que o levou a requisitar aos acionistas de então um aporte de capital.

Para estimular a participação dos acionistas, em 17/06/1996, os bônus de subscrição foram creditados na posição acionária de todos os acionistas do BB, na proporção de um bônus para cada ação possuída naquela data, conforme tabela a seguir:

Série	Quantidade Emitida de Bônus	% do Capital	Ordinárias	Preferenciais	Data Limite
A	142.394.462.616	20	79.836.303.355	62.558.159.261	30/06/2001
B	213.591.693.924	30	119.754.455.032	93.837.238.892	30/06/2006
C	355.986.156.540	50	199.590.758.387	156.395.398.153	30/06/2011
Total	711.972.313.080	100	56,07%	43,93%	-----

À época funcionou, porém a circulação desses bônus acabou se tornando um obstáculo à valorização das ações do BB, pois o “fantasma” da diluição, através do exercício desses bônus, deixava os acionistas com receio.

Esse “fantasma” foi praticamente dizimado quando, em 2004, o BB fez uma oferta pública para retirada desses bônus do mercado. Com a adesão dos principais acionistas, Tesouro Nacional, Previ e BNDESPar, mais de 90% dos bônus foram retirados de circulação, fazendo cair significativamente os riscos de diluição aos acionistas atuais.

Explicando o que são esses bônus BBAS13

Bom, os únicos em circulação são os com vencimento entre 31/03/2011 a 30/06/2011. Do início da circulação até hoje, as ações do Banco do Brasil sofreram algumas alterações. Primeiro as ações PN foram convertidas em ON, dessa forma CADA BÔNUS que, antes, daria direito de subscrever 0,56067 ação ON e 0,43933 ação PN (total 1 ação), passou a dar direito de subscrever 1,043933 ação ON (BBAS3), pois havia um prêmio de 10% nas ações PN.

Ainda em 2007, houve um desdobramento na proporção de 1:3, SEM DESDOBRAMENTO DOS BÔNUS, o que significa que o direito de subscrever 1,043933 ação ON passou a ser de subscrever 3 vezes isso, 3,131799 ações ON.

Isso significa que o detentor dos bônus poderá comprar 3,131799 ações, a partir de 31.03.2011 e até 30.06.2011, ao preço de R\$ 8,50 corrigidos pelo IGP-DI, um índice de inflação criado pela FGV em 1944.

Só para ter uma idéia de como isso poderia ser um bom negócio, em 12/08/2009 o valor corrigido daqueles R\$ 8,50 era de R\$ 25,88. As ações do BB estavam sendo negociadas a R\$ 24,40, logo 3,131799 ações valiam R\$ 76,42.

Pagar R\$ 25,88 para receber R\$ 76,41 de valor não é nada mal...

Lembrem que os detentores dos bônus ou os receberam em 1996 e estão esperando por 13 anos, ou compraram no mercado secundário e tiveram que desembolsar um valor significativo para ter esse direito.

Das duas uma: ou ele esperou 13 anos, ou pagou pelo direito. Ambos os casos trazem seu próprio custo.

Quanto vale o bônus BBAS13?

É evidente que esse direito tem um valor econômico, mas quanto vale? A resposta é simples: vale o que alguém está disposto a pagar, desde que tenha alguém interessado em vender por aquele preço. Em outras palavras... vale o que está no mercado!

É evidente que, como direito só poderá ser exercido em 2011, há um desconto para comprá-lo hoje. Veja o cálculo desse desconto a seguir:

- Preço ação ON BBAS3 em 12/08/2009 – R\$ 24,40
- Preço do bônus BBAS13 em 12/08/2009 – R\$ 38,00
- Valor atualizado de exercício da subscrição em 12/08/2009 – R\$ 25,88

Ora, para ter direito a comprar 3,131799 ações ON a partir de 31/03/2011 o investidor teria que pagar R\$ 38,00 mais o valor atualizado do preço de exercício.

Em valores de agosto de 2009, se está falando de **R\$ 38,00 + R\$ 25,88 = R\$ 63,88**

O valor das ações seria, em valores de agosto de 2009, **3,131799 x R\$ 24,40 = R\$ 76,42**

O desconto seria de aproximadamente 17,5%.

Para esperar 1,5 ano até que 17,5% não é uma taxa de juros desprezível, dado que os juros reais da renda fixa estão na faixa de 7% ao ano, descontados os impostos e as taxas de administração.

Mas até 2011 tudo pode mudar. Como calcular os cenários?

Bom, a primeira questão a ser respondida é a seguinte: O Investidor QUER comprar e manter ações do Banco do Brasil?

Se a resposta for positiva, ele pode passar à fase seguinte. Se não quiser ter BB na carteira, ou não acreditar que as ações vão se valorizar, nem deve se preocupar com os bônus.

É evidente que o detentor dos bônus pode se beneficiar de duas formas:

1. *Se a inflação for baixa, o preço de exercício será pouco diferente do de hoje*
2. *Se a ação disparar, o valor do bônus tende a subir. Subirá ainda mais ao chegar perto do período de exercício, pois o “desconto” pelo tempo tende a se reduzir.*

O IGP-DI, em 2009, está negativo. Há chances razoáveis de que a inflação permaneça sob controle nos próximos anos. Há também boas perspectivas para o setor bancário brasileiro.

Os cenários

Para o cálculo dos ganhos (ou perdas) para diferentes cenários, serão consideradas as seguintes premissas:

- Variação do IGP-DI de 12/08/2009 a 30/06/2011 – Serão considerados 2%, 4%, 7% e 10%.
- Cotações em 30/06/2011 – Serão consideradas as opções: R\$ 15,00, R\$ 20,00, R\$ 25,00, R\$ 30,00, R\$ 35,00 e R\$ 40,00

Depois de calculados os ganhos/perdas da compra dos bônus, os resultados serão comparados com a compra pura e simples das ações.

OBS: No exercício dos bônus haverá um ajuste para incorporar a diluição pelas novas ações emitidas. Esse ajuste não será levado em consideração no estudo, pois o impacto é reduzido e será sentido tanto pelas novas ações quanto pelas antigas. Como um dos objetivos é comparar a compra dos bônus com a compra das ações diretamente, não há prejuízo ao contexto.

Resultados:

Cotação 2011	2%	4%	7%	10%
R\$ 15,00	-27,1%	-27,6%	-28,5%	-29,3%
R\$ 20,00	-2,7%	-3,5%	-4,7%	-5,8%
R\$ 25,00	21,6%	20,6%	19,2%	17,8%
R\$ 30,00	45,9%	44,7%	43,0%	41,4%
R\$ 35,00	70,2%	68,9%	66,9%	64,9%
R\$ 40,00	94,5%	93,0%	90,7%	88,5%

Se o investidor comprasse o bônus por R\$ 38,00 em 12/08/2009 e exercesse seu direito em 30/06/2011 ele perderia entre 27,1% e 29,3% no caso das ações caírem a **R\$ 15,00**. Porém, poderia ganhar entre R\$ 94,5% e 88,5% no caso das ações se valorizarem a **R\$ 40,00**.

O cálculo é simples, basta pegar o valor pago pelo bônus, R\$ 38,00, somar ao preço de exercício, que é calculado acrescentando o IGP-DI aos R\$ 25,88 referentes ao dia 12/08/2009. Depois, compara-se esse valor com a multiplicação da cotação estimada por 3,131799 ações.

Veja um exemplo para IGP-DI de 2% e cotação de R\$ 30,00 em 30/06/2011:

- Preço pago pelo bônus = R\$ 38,00
- Preço de exercício = R\$ 25,88 x 1,02 = R\$ 26,40
- Valor das ações compradas = R\$ 30,00 x 3,131799 = R\$ 93,95
- Investiu R\$ 38,00 + R\$ 26,40 = R\$ 64,40, para ficar com R\$ 93,95
- **Ganho percentual de 93,95/64,40 = 45,9%.**

Mas e se o investidor comprasse as ações em vez de comprar os bônus?

A conta é ainda mais fácil, pois em 12/08/2009 ele teria pagado R\$ 24,40 por cada ação ON do Banco do Brasil. Veja o ganho/perda:

Cotação 2011	Ganho/Perda
R\$ 15,00	-38,5%
R\$ 20,00	-18,0%
R\$ 25,00	2,5%
R\$ 30,00	23,0%
R\$ 35,00	43,4%
R\$ 40,00	63,9%

Não precisa ser *expert* em finanças para perceber que **EM TODOS OS CASOS DA HIPÓTESE**, inclusive com inflação alta, a compra do bônus teria sido mais interessante do que a compra direta da ação.

Não existe almoço de graça, o que você perdeu nessa explicação?

Da forma como foi colocada a estratégia, parece dinheiro fácil, não é? Não tem como perder!

Mas não é nada disso. O investidor não tem **SOMENTE 2** opções de investimento, tem inúmeras. **Se ele acredita que investir em ações do Banco do Brasil** será melhor (ou semelhante) do que investir em ações da VALE, da Petrobras, do Itaú, do Bradesco, da Cemig, da Randon, da Usiminas etc., ou seja, se **JÁ É** uma opção de investimento, ainda, **se o investidor desejar manter** as ações até o vencimento, aí sim, nesse caso específico pode ser mais inteligente investir nos bônus.

Não existe **MESMO** almoço de graça. Nem na bolsa, nem em lugar algum...

A Metodologia INI para Investimento em Ações



TEMA DESTA EDIÇÃO: HISTÓRICO IBOVESPA: OS PIORES ANOS PRECEDEM OS MELHORES ANOS.

Publicado originalmente no site www.ondeinvestirbylopesfilho.com.br

O Índice Bovespa (Ibovespa) é o indicador de desempenho das cotações do mercado de ações brasileiro mais conhecido e utilizado. Sua relevância deve-se ao fato de retratar o comportamento dos principais papéis negociados na Bolsa paulista e também por sua tradição, pois manteve a integridade de sua série histórica, não sofrendo modificações metodológicas desde sua criação (1968).

De lá para cá, o Ibovespa refletiu crises, euforias, expectativas positivas e negativas, enfim, muito sobe-e-desce característico de um mercado de risco. Ao longo desses 41 anos de história, considerando o desempenho em dólares, nada foi pior do que o ano de 1990, o ano do Plano Collor, quando foi apurada queda de 73%. Isto é, se o investidor tivesse aplicado US\$ 100 mil em um fundo atrelado ao Ibovespa no último dia de operações em 1989 e retirado um ano mais tarde, receberia US\$ 27 mil.

O ano agora é 1987, na ressaca do Plano Cruzado e com direito a calote da dívida externa durante o governo Sarney. Durante aquele ano, o principal indicador do mercado acionário brasileiro tomou um tombo de 72% em dólares. Então, vamos à recapitulação desse pódio. A medalha de ouro ficou com o Collor e a medalha de prata com o Sarney.

Ok, em 19 de outubro 1987 tivemos também chamada de "black monday", que registrou a maior queda do índice Dow Jones em apenas um dia (22,6%) e fatores externos também influenciam (e já naquela época influenciavam) o Ibovespa.

Mas se já foi distribuída a medalha de ouro e prata, falta entregar a medalha de bronze. Esta nada honrosa terceira posição foi para o ano de 2008, durante o governo Lula, quando o mundo foi pego de calça curta com a crise originada pelas hipotecas subprime, encerrando o ano passado com queda em dólar de 55%.

Existe uma máxima que diz: "o mercado sobe de escada e desce de elevador". Isso se dá porque as pessoas em geral tendem à aversão ao risco e, em momentos de crise, batem em retirada sem avaliar o que estão deixando para trás.

Dessa forma, quando se avalia os anos que se sucederam aos três piores anos do Ibovespa, observamos exatamente os três melhores anos do principal índice da nossa bolsa, atrelados fundamentalmente, à percepção que as perdas precedentes foram exageradas. Em 1991 tivemos valorização de 288%, seguido do ano 1988, quando o Ibovespa apresentou expansão de 151%. Por hora, a terceira maior valorização em dólares é a de 141% em 2003, que veio no ano seguinte da perda de 45,5% do Ibovespa, na época do "Risco Lula".

Somente até o dia 16 de julho o Ibovespa já acumulava alta de 67% em dólar esse ano. Será que 2009 vai conseguir tirar a medalha de bronze de 2003? Difícil, mas, de qualquer forma, existem boas razões para acreditar em altas adicionais até o final do ano e sugerimos a leitura do Artigo “Porque acreditamos na alta do Ibovespa”, a seguir, onde damos algumas razões acerca das perspectivas da economia global. Isso sem contar os balanços corporativos melhores do que o esperado vindo dos EUA, além dos indicadores econômicos, especialmente na China, mostrando a melhora da situação econômica global.

ARTIGO 2: PORQUE ACREDITAMOS NA ALTA DO IBOVESPA

Publicado originalmente no site www.ondeinvestirbylopesfilho.com.br em junho de 2009.

Primeiramente, avaliando a crise, vamos fazer uma separação em duas partes. A primeira onde ela é mais séria, ou seja, nos grandes centros econômicos, como Estados Unidos, Europa e Japão, que tinham gigantescas bolhas de crédito.

No caso específico dos Estados Unidos, o problema é agravado pelas contas externas e fiscais muito frágeis, conhecido como déficits gêmeos. Isto é, a maior economia do mundo importa mais do que exporta e gasta mais do que arrecada.

O que isso gera? Isso gera um aumento da dívida norte-americana, que só é viável porque, em última instância, aumenta a base monetária (emite moeda para pagar parte dessa crescente dívida). Esse aumento gera tendência de desvalorização do dólar.

Temos observado a utilização do mercado de commodities com hedge contra a desvalorização do dólar, e só por isso, já se justificaria uma perspectiva positiva para o Ibovespa, uma vez que é fortemente carregado nesse segmento.

A segunda parte fica por conta dos países emergentes, que não caíram em nenhum dos pontos negativos fundamentais dos países desenvolvidos, em especial dos Estados Unidos (elevado déficit comercial, elevado endividamento e bolhas de crédito).

Usando o Brasil como exemplo, mesmo com o maior acesso ao crédito visto nos últimos anos, a partir, também, da redução da taxa de juros, este continuou reduzido quando comparado aos patamares internacionais.

Somado a isso, a partir do momento que o governo da China realiza estímulos fiscais e monetários pesados, que também ocorrem na Europa e Estados Unidos, mas ao contrário dessas potências, possui uma população pouco endividada e, além disso, tem um consumo reprimido por décadas, é natural que a economia da China se descole da norte-americana e europeia, a partir do direcionamento da sua produção para o mercado interno, fazendo dessa variável o vetor preponderante para o forte crescimento econômico. Esse crescimento levará a reboque países exportadores de commodities, como o Brasil.

No último ciclo de crescimento econômico (2002 a 2007) verificou-se grande expansão de crédito e forte valorização das commodities (fatores que influenciaram positivamente a economia brasileira), tendo o mercado norte-americano como grande consumidor do mundo.

Agora, pelo elevado endividamento do consumidor americano, espera-se cada vez mais que o consumidor chinês e indiano que, em geral, são consumidores pobres mas em número muito grande, tendam a serem os alavancadores do crescimento mundial.

Por ser pobre, boa parte desse consumo adicional tende a ser direcionado ao consumo de commodities, seja via alimentos, seja pelo consumo dos minerais e metais, para o desenvolvimento de infra-estrutura urbana, dada a migração do campo para a cidade.

No tocante à infra-estrutura, este segmento também tende a ser impulsionado pelos pacotes de estímulo governamental globais, em função da escassez do investimento privado. E novamente, tendemos a ser positivamente impactados por essas medidas.

Por isso, também, acreditamos que esse cenário será sustentado, longo e forte. Os outros fatores estão atrelados ao grande potencial de expansão de crédito, sem a formação de bolhas e da demanda reprimida de décadas, que também é característico do consumidor brasileiro.

Agora, cabe ressaltar que esse cenário vem sendo precificado pelo mercado nos últimos meses e a consecução dessa reavaliação das expectativas nos deixa cada vez mais próximos de uma realização de lucros, mas que tende a ser temporária, e que dará oportunidade de entrada a novos investidores. Por tanto, esperamos que seja apenas uma “correção técnica”, mantendo-se a formação de topos e fundos cada vez mais elevados.

Na questão do câmbio, que também está relacionada à Bolsa (em especial à nossa), a expectativa de melhores oportunidades de investimentos em mercados emergentes tende a valorizar as suas moedas, como o real, frente às moedas como euro, iene e especialmente o dólar.

O especialmente fica por conta, também, da forte expansão monetária promovida pelo governo norte-americano. Além disso, no caso brasileiro, em função de nossa ainda absurdamente elevada taxa de juros, tendemos a atrair recursos oriundos de operação de carry trade (onde ganha-se o diferencial de juros de um país para o outro, adicionado à desvalorização da moeda do país de origem do empréstimo).

No ano passado, o que tivemos foram perdas colossais nos Estados Unidos, com os investidores sendo forçados a vender ativos que tinham fora, comprar dólar e remeter aos EUA para compensar as perdas locais, além do “voo para a qualidade” que é absolutamente discutível, mas que de fato ocorreu e, em uma improvável reversão de tendência, tende a acontecer novamente pela falta de outra referência.

Entretanto, o que temos agora é uma busca de oportunidades de rentabilidade (redução da aversão ao risco) e elas estão nos países emergentes.

Além disso, a nossa taxa básica de juros de 10,25%, contra taxa média das trinta maiores economias do mundo de 3,7%, abre espaço para novas reduções de juros, o que tende a baratear o crédito, facilitando assim esse combustível fundamental para o crescimento econômico, por mais que algum atraso gerado pela questão da reavaliação da poupança tende a acontecer. Mesmo assim, essa trajetória é inexorável no médio/longo prazo, tendendo a impactar positivamente as empresas como às do setor varejista e de construção civil, com precedente precificação dos ativos em bolsa mediante essa expectativa.

E são por esses fatores que, mesmo sabendo que passaremos por correções no curto prazo, que acreditamos na alta do Ibovespa



ARTIGO: “COMO FICA O COMPORTAMENTO DE CONSUMO E DE INVESTIMENTO DAS PESSOAS DURANTE A CRISE. O EMOCIONAL X RACIONAL EM MOMENTOS DIFÍCEIS”.

Por Mauro Calil – Membro Orientador Credenciado

www.calilecalil.com.br

O comportamento econômico é gerado pelo conjunto do comportamento dos indivíduos que são os agentes da economia observada (país, estado, região, etc.).

Quando dizemos que o preço cai, quando cai a demanda de determinado produto ou serviço, ou que o preço sobe, quando a demanda sobe, na verdade admitimos uma simplificação da movimentação da massa nesta ou naquela direção de consumo por determinado bem ou produto.

Nos meses de junho a outubro de 2008 vimos um exemplo deste comportamento em massa ocorrer nas bolsas de valores de todo o mundo. A pouca demanda por ativos implicando em queda de preço e, na fase mais aguda do processo, a necessidade de liquidez veio para derrubar de vez o valor dos ativos a ponto de formar oportunidades raramente vistas de compra de ações, a múltiplos baixíssimos. Verdadeiras pechinchas.

Para qualquer observador do processo, principalmente após seu término, fica fácil comprovar a máxima do mercado, ou seja, comprar na baixa e vender na alta. Regra esta que costuma enriquecer seus seguidores. Mas se é tão fácil tal visualização, por que poucos conseguem se distanciar das previsões ruins e fatos negativos para tranquilamente aproveitar as melhores fazes e enriquecer? Ou ainda, por que numa fase repleta de oportunidades as forças vendedoras são muito maiores de que as compradoras?

A teoria econômica nos diz que as necessidades são infinitas enquanto que os bens e sua produção são limitados, e que a busca da satisfação das necessidades move o desenvolvimento. Por exemplo: A necessidade de higiene pessoal é uma necessidade infinita, ou seja, todo santo dia se faz presente na vida de 100% dos habitantes do planeta, sempre esteve presente e para sempre estará. Entre outras medidas esta necessidade faz com que as roupas sejam lavadas, a lavagem de roupa em si é um ato de consumo (água, sabão, energia elétrica, etc.) que ajudará a satisfazer a necessidade “higiene pessoal”. Este consumo move a economia desde as sociedades primitivas que lavava suas roupas em rios e lagos, posteriormente na idade média em bicas, então em tanques, e hoje em máquinas de lavar domésticas que culminaram com serviços de lavanderia. Perceba que a necessidade humana é exatamente a mesma, porém satisfeita, ou atendida de formas diferentes em sua evolução tecnológica.

Também não é difícil constatar que em uma mesma sociedade exista quem lave roupas na lavanderia enquanto outros o fazem em rios e lagos.

Mas o que isso tem a ver com investimentos?

Ora, os investimentos nada mais são que produtos financeiros criados para satisfazer necessidades de proteção, rentabilidade e liquidez do dinheiro acumulado ou ganho pelo trabalho.

Abraham Maslow (Motivation and Personality; Harper and Row, New York, 1954) propõe uma hierarquia de necessidades humanas (conhecida como Hierarquia das necessidades de Maslow) que pode nos ajudar na compreensão das atitudes individuais que culminam no comportamento do grupo social.

Para Maslow são cinco grandes grupos de necessidade que serão atendidos na seguinte ordem:

- 1- Necessidades fisiológicas (manutenção do corpo físico - comida, sono, remédios, etc.)
- 2- Necessidades de segurança (seguros, blindagem de carros, investimentos, etc.)
- 3- Necessidades sociais (grifes, clubes, academias, etc.)
- 4- Necessidades de estima (carros, cosméticos, bebidas alcoólicas, etc.)
- 5- Necessidades de auto-realização (hobbies, viagens, cultura, bens de luxo, etc.)

É importante salientar que para Maslow o indivíduo só busca satisfazer a necessidade 04, por exemplo, quando 01, 02 e 03 estão plenamente satisfeitas. Porém, ele foi um cientista do pós-guerra onde os recursos eram realmente escassos.

Assim, veja que a busca por segurança é a segunda mais básica necessidade a ser suprida, só perdendo em importância para as necessidades fisiológicas.

Porém, ao homem moderno e esclarecido que vive em uma sociedade de abundância de ofertas e de desejos, satisfazer a necessidade de proteger, rentabilizar e ter liquidez do dinheiro que possui é algo que permeia as demais necessidades. A satisfação desta necessidade, inclusive, pode facilitar ou mesmo garantir ao indivíduo satisfação das demais necessidades, principalmente se tal indivíduo estiver em idade avançada com poucas oportunidades de gerar renda. Este é o motivo pelo qual o tema ganha cada vez mais relevância no monetarismo da sociedade atual.

Assim como em tempos de abundância doméstica o churrasco em casa passa a ser também dos amigos, cunhados e servido com picanha e carnes exóticas, ou seja, usa-se a satisfação da necessidade fisiológica como pretexto para, na verdade satisfazer as necessidades sociais, em tempos de restrição, amigos são deixados de lado e, possivelmente o almoço fica estritamente familiar com o cunhado sendo convidado a comparecer com a picanha debaixo do braço.

Com os investimentos ocorre o mesmo fenômeno, em tempos de abundância, toma-se mais riscos em busca de rentabilidade, enquanto que na crise o indivíduo é acometido de conservadorismo. O conservadorismo pode chegar ao extremo de comprometer, inclusive, a liquidez (“imóvel é um investimento sólido”).

Paradoxalmente, o atalho para o enriquecimento é ir na contramão social quando o assunto é investimento, ou seja, comprar quando todos vendem e vender quando todos compram. A solução para sair desta “armadilha emocional” é a racionalização que advém da conscientização financeira do indivíduo (suas responsabilidades financeiras individuais e/ou familiares) e do conhecimento da dinâmica dos investimentos. Isso só se adquire com estudo e experiência.

Com tal conhecimento e consciência, e só assim, o homem comum será capaz de planejar-se financeiramente, saindo da deriva macroeconômica que acomete a maior parte dos indivíduos.

Apenas como referência, em março de 2009, dos 190 milhões de brasileiros, apenas 525.600 tinham carteira de ações na Bovespa e cerca de 1.100.000 brasileiros tinham aplicações em fundos de ações. Sem querer ser pejorativo, não consigo outra explicação para tal ocorrência senão a “ignorância e preconceito” contra a renda variável. Afinal muitos dos que não investem em ações de grandes e sólidas companhias brasileiras, que existem há 30 anos ou mais e continuarão a existir nos próximos 30, deixarão seus recursos em renda fixa por 10, 15 ou mais anos, perdendo justamente o que buscam em uma aplicação financeira. Ou seja, o investidor brasileiro já conseguiu e se adaptou à água encanada, mas ainda usa o tanque. A educação trará uma mudança cultural que fará investir e usar a máquina de lavar.

Vamos comparar a teoria à realidade dos fatos no IPO da Bovespa. Os investidores experimentaram uma valorização de nada menos que 52% em ações daquela empresa em seu primeiro dia de negociação. Por uma semana, ao menos, não houve festa de aniversário, batizado ou casamento em que cunhados de plantão contavam as vantagens de sua esperteza invocando a rentabilidade conseguida. O próximo grande IPO foi o BM&F, lembro de ter passado na minha corretora que impôs regras e prazos finais para aceitação de cadastros. Lá todos fizeram plantão para dar conta da demanda dos que queriam o “bilhete” para participar deste novo IPO. A demanda foi tamanha que o preço foi alterado e ainda assim sobraram somente 91 papéis por investidor.

O comportamento inadequado frente à bonança não parou por aí, uma nova euforia, ainda que em menor escala, ocorreu no Investment Grade. Nós mesmos em nossos cursos tivemos que abrir turmas adicionais, tamanha a procura pelo conhecimento sobre assuntos ligados a bolsa de valores, que batia recordes.

Veio a crise. O homem de Maslow, ao menor sinal de restrição simplesmente abandonaria a busca por satisfazer necessidades 3, 4 e 5 focando-se no básico. Porém como já disse, as restrições do pós-guerra eram enormes, inclusive em crédito. E, na proporção inversa os apelos de consumo pequenos.

Hoje comer é uma necessidade talvez menos importante que a necessidade de falar aos amigos em qual restaurante foi-se comer. Da mesma forma não se admite, no convívio médio, que alguém não lave os cabelos, é algo que simplesmente temos como “será feito”, portanto ganha importância em qual salão e/ou com qual profissional isso será feito.

No caso dos investimentos, o que é comum é todos falarem quando estão ganhando, porém poucos falam quando perdem, é algo sigiloso e deve ser mantido assim. Na crise o “cunhado” que outrora alardeava seus feitos e já havia feito fortuna olha aos amigos e diz algo como, nossa, mas esse negócio de bolsa sempre foi um perigo, eu te avisei.

Da mesma forma, que tivemos que abrir novos cursos no Investment Grade, tivemos que cancelar turmas no final de 2008, as pessoas simplesmente sumiram. Hoje, grande parte de nossos novos clientes nos pedem auxílio para recuperar o que perderam, pois entraram no “boom da bolsa”. É uma tarefa difícil, porém conseguida através da educação e conscientização.

O mais interessante deste fenômeno é que as aparências são mantidas. Parece que a dor social da perda é ainda maior que a dor financeira. A explicação, de volta a Maslow, é que ao perder algo da escala 05 parece que a queda foi do quinto andar enquanto que perder dinheiro investido significa cair do segundo andar. Dói, mas nem tanto.

Isso forma um dilema no indivíduo entre acumular e consumir, manter o agora como está ou garantir o futuro incerto? A meu ver, abrir mão das aparências é a tarefa mais difícil. Vemos gente evitando cortar gastos e muitas vezes partindo para dívidas (CDC, por exemplo), porém não mudando de bairro ou de marca de whisky para economizar.

Disclaimer

O Instituto Nacional de Investidores não se responsabiliza pelas decisões de investimento tomadas com base nas idéias aqui exprimidas, nem pela exatidão e/ou veracidade dos dados aqui colocados, sendo todas estas opiniões e/ou informações de responsabilidade única e exclusiva de seus autores.